



A história

(Condensado de «Independent Woman»)

Por Paul W. Kearney

da máquina de escrever

EM 1880, a Associação Cristã Feminina de Nova

York anunciou um curso de serviços de escritório que seria dado a oito moças rigorosamente escolhidas. Além de aprenderem taquigrafia, que Isaac Pitman havia introduzido em 1837, as moças aprenderiam a manejar uma nova máquina conhecida como «Máquina de Escrever». Uma qualidade importante para as candidatas ao curso era que fôsem fisicamente fortes, pois achava-se que uma mulher dotada de fôrça mediana só com dificuldade poderia fazer baixar as teclas da máquina.

O curso foi censurado como «um evidente êrro de julgamento das

Cinco vêzes
mais depressa

bem intencionadas mas desorientadas senhoras da Associação». Mulheres

no comércio? Absurdo! Apesar disso, seis meses depois, cada uma das oito robustas mulheres havia conseguido um emprêgo onde ganhava o dôbro dos salários então correntes para mulheres que trabalhavam nas fábricas.

Mal podiam imaginar essas jovens pioneiras que estavam lavrando a sentença de morte dos escriturários do outro sexo, que até então copiavam laboriosamente as cartas à mão numa chapa de cobre, a uma velocidade média de 15 a 20 palavras por minuto, no máximo. Ou que em meados do século seguinte muitos milhões

de mulheres no mundo inteiro, nos escritórios comerciais, bateriam de 40 a 100 palavras por minuto.

A primeira e desajeitada máquina de escrever nasceu dos esforços de três homens—Carlos Glidden, Samuel Soulé e Christopher Sholes (o primeiro mecânico e os outros dois tipógrafos). A sua máquina, que apareceu em 1868, só podia escrever em papel de sêda. Depois de seis anos e trinta modelos diferentes, Sholes (Glidden e Soulé haviam-se afastado durante o intervalo desanimador) apresentou a primeira máquina realmente promissora em todos os sentidos. Tinha certas características de máquinas de costura: suporte de ferro fundido e um pedal para fazer voltar o carro.

Nessa ocasião, Sholes conseguiu o apoio financeiro de que tanto necessitava. James Densmore, industrial do petróleo, viu uma carta dactilografada e associou-se ao negócio sem mesmo ter visto a máquina. Quando a viu, apontou-lhe um certo número de defeitos e sugeriu a Sholes que a levasse aos famosos fabricantes de armas E. Remington & Sons. Os Remingtons viram que o aparelho tinha futuro e concordaram em encarregar-se da produção e das vendas. Com muitos requintes e aperfeiçoamentos, o modelo Remington nº 1 apareceu em 1874.

O mundo se mostrou estranhamente indiferente a essa nova invenção. Nos primeiros sete anos, foram vendidas apenas 1.200 máquinas. Os homens de negócio rejeitavam obsti-

nadamente a inovação. Afinal de contas, as penas de aço custavam menos de um centavo de dólar e uma máquina de escrever custava 125 dólares. Além disso, os empregados ameaçavam abandonar o serviço em sinal de protesto se o odioso aparelho fôsse levado para os escritórios, sob o pretexto de que isso os deixaria sem trabalho.

Mas assim mesmo a novidade mecânica despertava curiosidade. Em 1875, a Companhia Remington recebeu a seguinte carta do famoso escritor americano Mark Twain: «Tenham a bondade de não divulgar o fato de eu possuir uma máquina de escrever. Deixei de utilizar-me da máquina porque não posso escrever uma carta sem que receba pela volta do correio uma solicitação de que não só descreva a máquina, mas declare ainda os progressos que tenho feito na utilização da mesma. Não gosto de escrever cartas e, por isso, não quero que ninguém saiba que sou dono desta engraçada geringonçazinha que tanta curiosidade desperta.» Não obstante, Mark Twain escreveu à máquina o seu livro *Vida no Mississípi*—o primeiro original dactilografado de um livro apresentado a um editor.

Sempre que a Remington vendia uma máquina, tinha também de vender um dactilógrafo, isto é, treinar um. Daí se originaram os cursos oferecidos pelos fabricantes de máquinas de escrever, que, dentro de poucos decênios, estavam dando emprêgo a milhares de dactilógrafos.

A introdução da técnica de escrever com os dez dedos, sem olhar para o teclado, suplantando o sistema dos dois dedos, deu à máquina de escrever o seu maior impulso. Esse método de dactilografia foi criado por um escrevente judiciário chamado Frank McGurrin, cujo patrão se divertia disputando com êle campeonatos de velocidade em máquina de escrever. Um dia, o patrão inventou que tinha visto em outro escritório uma dactilógrafa que escrevia à máquina ao mesmo tempo que olhava pela janela. McGurrin não era homem para deixar-se suplantar assim. Se uma moça fazia, êle poderia fazer melhor.

Então teve uma idéia: os pianistas nem sempre olham para o teclado quando tocam. Por que os dactilógrafos não poderiam fazer o mesmo? Decorando a posição das diversas teclas, êle começou a treinar. No devido tempo, chegou a bater 90 palavras por minuto, o que constituía um milagre na pesada Remington nº 1, que exigia uma força enorme para baixar as teclas. A sua fama se espalhou e a companhia Remington contratou-o para excursionar pelo país fazendo exhibições. Fundaram-se então escolas para ensinar a escrever à máquina «com todos os dedos» e, em breve, cada vez mais mulheres começavam a demolir a muralha que conservara o sexo frágil afastado do comércio.

A primeira máquina realmente prática movida a eletricidade apareceu em 1925. Muito melhorada a

partir de então, a máquina elétrica permite aos dactilógrafos maior velocidade do que qualquer dos modelos mecânicos, principalmente porque as teclas exigem apenas 70 grammas de pressão, ao passo que as melhores máquinas comuns não podem ser manejadas sem uma pressão que varia entre 115 e 200 grammas.

A disposição do teclado «padronizado» ainda é a mesma imaginada por Sholes há mais de três quartos de século. Não é a mais eficiente arrumação possível. Sobrecarrega muito a mão esquerda e obriga a saltar demasiado da fila do meio, onde os dedos descansam. O Dr. August Dvorak, da Universidade de Washington, imaginou um teclado modificado no qual os dedos se deslocam, num dia de trabalho de sete horas, pouco mais de um quilômetro e meio, em lugar dos 11 quilômetros exigidos por um teclado padrão. Nesse novo teclado, jovens ginasiânicos, depois de um breve período de treinamento, podem competir com dactilógrafos peritos.

Christopher Sholes morreu pobre. O total de direitos que recebeu pela sua patente montou apenas a 12 mil dólares. Felizmente viveu o suficiente para ver a transformação que a sua máquina havia produzido. Pouco antes de morrer, em 1890, disse: «A máquina de escrever é uma bênção para a humanidade, principalmente para as mulheres. Construí mais sãbiamente do que eu sabia, e o mundo recebe o seu benefício.»

A dona não está. Sirva-se



(Condensado de «Guideposts»)

Por Dorothea e Jerome Beatty

BEM NO ALTO de um morro, perto de Roxbury, no Estado de Connecticut, existe à beira da estrada uma vendinha que mais parece uma casinha de brinquedo. Não se vê nenhum caixeiro, mas num quadro negro lê-se o seguinte, escrito a giz: «Sirva-se. ABERTO.»

O freguês que vai até lá de carro encontra indicado o preço dos ovos, legumes, frutas e flôres. Um jarro serve de caixa registradora. Geralmente a proprietária não está. Ela leva a mercadoria pela manhã e, à tardinha, recolhe a fêria. Durante o dia, trabalha no seu sítio, que fica bem longe, ao pé da montanha, cuidando da casa, da horta e das galinhas.

Nos três verões que Hannie Dickinson manteve a sua venda, ninguém pagou a menos nem levou coisa alguma sem pagar. Êsse recorde de integridade levantou o moral da comunidade. Quando os amigos lhe disseram que ela seria lesada,

Um recorde de honestidade que levantou o moral de uma povoação

Hannie Dickinson declarou com firmeza:

—Tolice! Se mostrarmos às criaturas que confiamos nelas, elas não nos desapontarão.

A pequena vendinha branca transformou-se num monumento à confiança no próximo.

A esperança de Hannie, que aos poucos se vai tornando realidade, é ganhar o suficiente para construir uma casa nova. Há quatro anos a casa dos Dickinsons, que não estava convenientemente segurada, pegou fogo e ficou reduzida a cinzas. Hannie já não era muito jovem—ela já é avó. Então, ela e o marido, John, construíram uma pequena casa, à volta de um galpão de ferramentas que escapara ao incêndio. John, que é leiteiro e um homem muito trabalhador, achava que êles nunca mais

estariam em condições de ter outra casa, mas Hannie declarou que ela própria ganharia o suficiente para isso.

—Alguma coisa me diz, afirmava ela aos amigos, que um dia o meu sonho se realizará. E desde já estão todos convidados para a festa de inauguração da casa.

Para conseguir dinheiro, Hannie decidiu vender produtos agrícolas. Mas como?

No alto de um morro, o terreno dos Dickinsons ia até a beira de uma estrada bastante movimentada. Nesse local teve início o pequeno negócio, quando, certa manhã, Hannie levou para ali, numa carroça, uma antiquada prateleira para plantas e caixas de ovos e de morangos. Quando ela voltou, à tarde, a mercadoria tinha desaparecido e o seu jarro continha a importância certa.

Na primavera passada, alguns carpinteiros, ajudados por Hannie, construíram para ela uma casinha de 3x3,60 m. Nas imediações ela plantou 50 árvores frutíferas de diversas espécies, cujas frutas ajudarão a pagar a casa.

Os habitantes de Roxbury comentam a fé e a esperança de Hannie. Gente que ela nunca viu manda-lhe fregueses e devolve cuidadosamente as caixas de ovos e os cestos de frutas e legumes. Fregueses habituais viajam quilômetros para escrever num bloco as suas encomendas, que vão buscar no dia seguinte.

E por meio desses bilhetes formam-se amizades entre os fregueses e a negociante, que nenhum deles encontra.

Numa prateleira da loja vêm-se, às vezes, embrulhos com notas assim: «Sra. Davis. Ervilhas, \$0,60. Fiquei contente com a notícia de que sua filha melhorou.» Ou então, ramalhetes de flôres com outro bilhete: «Flôres da Sra. Parker, \$2,00. Desejo que faça um dia bem bonito para a sua festa.»

Certa vez, Hannie colocou num vaso, numa prateleira da lojinha, mais de doze trevos de quatro fôlhas que havia achado, com a seguinte nota: «Quero compartilhar a minha sorte com os meus fregueses. Tire um.» Uma senhora comentou mais tarde:

—Eu andava muito desanimada quando tirei um dos trevos, mas de repente pensei: «Se Hannie Dickinson, com tôdas as suas dificuldades, acha que ainda tem sorte, por que hei de apoquentar-me com ninharias?»

O êxito da vendinha de Hannie tem sido útil para Roxbury. A princípio, predizia-se que aquela fé inabalável nos seus semelhantes estava fadada ao fracasso. Mas a fé foi contagiosa. Neste mundo conturbado e cheio de suspeitas, a inquebrantável integridade dos fregueses de uma venda constitui, ela própria, um sermão. Os habitantes de Roxbury parecem andar de cabeça mais erguida.

